

A INVESTIGAÇÃO

Poder-se-ia discutir, se os centros de investigação se criaram em razão da industrialização ou se esta surgiu por virtude daqueles. A controvérsia, porventura saborosa, seria inevitavelmente estéril de conclusão. O que está fora de discussão é terem ambos sempre corrido vida em comum. Pelo menos assim resulta do exame da história do desenvolvimento da indústria nos diversos países. Foi na Alemanha de Guilherme II que, pela primeira vez, a importância da investigação se fez sentir como apoio duma revolução industrial. No decurso da industrialização inglesa, que lhe é anterior de algumas dezenas de anos, já o valor da investigação havia sido verificado, tendo os próprios industriais que a encareceram dotado generosamente os laboratórios escolares. Mas só na Alemanha de Guilherme II a investigação científica é publicamente reconhecida como alavanca indispensável ao desenvolvimento industrial. É este imperador, «homem vário e múltiplo», personalidade retratada pelo «nosso Eça» com um primor sem igual, que, em certa manhã, desce ao tablado protector da técnica e, «considerando a fábrica como o mais alto dos templos e sonhando uma Alemanha movida toda pela electricidade», cria, com dádivas que arranca a banqueiros e industriais a troco de honrarias, o primeiro instituto de investigação a que dá o seu próprio nome, «Kaiser Wilhelm Gesellschaft». Foi esta instituição e outras congêneres, nascidas em seu seguimento, que alicerçaram a mais vertiginosa expansão industrial até ao tempo vista, e, definitivamente, tornaram acreditada a investigação como esteio indispensável ao progresso da indústria.

Poucos anos decorridos, são os americanos, ao imporem ao Mundo o seu colosso industrial, que fazem a prova prática de que a investigação científica «rende sempre». Passam-se mais uns anos e, do outro lado do hemisfério, é a Rússia que afirma

o mérito da ciência inclusivamente no próprio cultivo das terras e abre assim caminho a um novo capítulo da geologia, — a pedologia, que estuda o solo arável.

São estas palavras fruto da recente criação do Instituto Nacional de Investigação Industrial, entidade que se destinará «a promover o aperfeiçoamento e desenvolvimento industrial da metrópole e das províncias ultramarinas».

Sem dúvida, no campo da especulação, é de admitir que a industrialização, de que somos forçados a lançar mão para conseguirmos igualar o nível de vida dos outros países da Europa, mesmo que não tivesse a apoiá-la um centro de investigação, não deixaria de se realizar. A realidade, porém, não tardaria a mostrar o contrário. Atente-se que mesmo para poder, proveitosamente, importar técnica do estrangeiro, é indispensável dispôr de homens experimentados que a compreendam e vantajosamente saibam adaptá-la ao nosso meio. Ora tais homens só podem criar-se num clima que funcione à maneira de caldo de cultura e não há como os institutos de investigação para o proporcionarem.

Medite-se a obra notável realizada nos últimos anos no campo da hidroelectricidade. É evidente que ela se não deve propriamente ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil, mas não pode negar-se que se não fôra criada esta instituição ainda haveria que esperar uns anos para ver executada uma parcela importante de quanto foi realizado.

A investigação é na verdade, actualmente, o suporte indispensável de toda a acção, e, assim, se o País entrar, em definitivo no caminho da industrialização, não tardará que, ao estabelecimento deste centro de investigação industrial agora criado, se siga o de outros similares.

Foi assim nos outros países e não é crível, portanto, que entre nós se passe diferentemente.